

NO CORAÇÃO DE MARIA, O BRASIL REAPRENDE A SER FILHO

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

"DITOSO QUEM INVOCA MARIA SANTÍSSIMA, QUEM RECORRE AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA COM CONFIANÇA."

(SANTO ANTONIO MARIA CLARET)

Maio chega sempre como quem bate à porta do coração. Não chega com pressa, mas com delicadeza. Há algo de profundamente humano e, ao mesmo tempo, profundamente divino neste mês que a tradição da Igreja consagrou à Virgem Maria. Não é apenas um costume devocional, é uma pedagogia espiritual. É como se a Igreja, conhecedora da fragilidade dos nossos afetos e da dispersão dos nossos dias, convidasse-nos a reaprender a amar, olhando para aquela que soube amar sem reservas.

Falar de Maria, no entanto, exige um deslocamento interior. Não se trata de falar sobre uma personagem distante, envolta em imagens idealizadas, trata-se de deixar-se alcançar por uma presença materna e acolhedora.



imagem: Freepik

A teologia mais recente, em sintonia com o Concílio Vaticano II, tem insistido nisso com vigor: Maria não pode ser compreendida isoladamente, mas no coração do mistério de Cristo e da Igreja. Ela é mulher concreta, discípula, peregrina da fé. Justamente por isso, torna-se espelho daquilo que a Igreja é chamada a ser.

Nesse horizonte, o título “coração de Maria” adquire uma densidade que vai muito além de uma linguagem afetiva. O coração, na tradição bíblica, não é apenas o lugar dos sentimentos, é o centro da pessoa, onde se decide a vida. Quando o Evangelho nos diz que Maria “guardava todas essas coisas, meditando-as em seu coração” (Lc 2,19), revela-nos uma mulher que não vive na superficialidade dos acontecimentos, mas na profundidade do sentido, da fé e da esperança. Uma mulher que acolhe, discerne, sofre, espera e ama, por isso, contemplar o coração de Maria é contemplar uma forma de existir diante de Deus e diante do mundo.

Neste ano, essa contemplação ganha uma ressonância ainda mais profunda. Celebramos os oitenta anos da consagração do Brasil ao imaculado coração de Maria. Em 1946, num contexto marcado por incertezas históricas e feridas ainda abertas no mundo provocadas pelas guerras, pelo medo de novos conflitos, pela necessidade de reconstrução material e espiritual, a Igreja no Brasil confiou o país ao coração de uma mãe como ato teológico de confiança e reconhecimento de que ela cuida de cada um de nós. Consagrar é reconhecer que não nos pertencemos, é admitir que nossa história precisa ser atravessada por uma presença que nos reorienta, que nos humaniza, que nos reconduz ao essencial.

O gesto de consagração permanece atual, talvez hoje mais do que nunca. Em um tempo fragmentado, marcado por tantas formas de violência, por indiferenças que se naturalizam e por uma crise profunda de sentido, voltar ao coração de Maria é reencontrar um lugar de recomposição interior. Não um refúgio alienante, mas uma fonte de lucidez e de compromisso.

A tradição espiritual recorda que o coração de Maria é escola. Escola de escuta, porque ela acolhe a Palavra antes de anunciá-la. Escola de disponibilidade, porque sua resposta não nasce do controle, mas da confiança. Escola de fidelidade, porque permanece de pé mesmo quando tudo parece ruir. Escola de ternura, porque sua presença nunca se impõe, mas sustenta.

É precisamente aqui que a espiritualidade claretiana encontra um de seus pontos mais luminosos. Santo Antônio Maria Claret não fala do coração de Maria como uma

ideia, mas como quem experimentou um pertencimento. Ele insiste com veemência: não basta que os missionários, hoje conhecidos como claretianos, sejam chamados “filhos do coração de Maria”, é necessário serem e sentirem-se filhos. Há, nessa afirmação, uma exigência espiritual profunda. Não se trata de um título honorífico, mas de uma configuração existencial. Ser filho do coração de Maria é deixar-se educar por esse coração.

O que significa ser educado por Maria? Significa aprender a ter um coração missionário, inquieto diante da dor do mundo. Significa cultivar uma fé encarnada, que não separa oração e vida. Significa desenvolver uma sensibilidade capaz de perceber o sofrimento oculto das pessoas. Significa, sobretudo, deixar que o próprio coração seja moldado segundo as virtudes que nela resplandecem: humildade que não se exhibe, fortaleza que não endurece, pureza que integra, caridade que se doa.

Claret compreendeu que a missão nasce do coração e que não há verdadeira evangelização sem transformação interior, por isso, ao confiar sua congregação ao coração de Maria, ele não estava apenas estabelecendo uma devoção, ele indicava um caminho formativo, um itinerário de configuração.

Nesse sentido, o mês mariano não pode ser reduzido a práticas repetitivas que não tocam a vida. Ele é convite à conversão do coração. É tempo de reorganizar afetos, de purificar intenções, de reencontrar a coerência entre aquilo que professamos e aquilo que vivemos.

Talvez seja esse o maior desafio do nosso tempo. Não nos falta informação religiosa, falta-nos interioridade. Não nos faltam discursos sobre Deus, falta-nos experiência de Deus que transforma o cotidiano. É exatamente aí que Maria se torna presença decisiva porque nela fé e vida não se separam. Palavra e existência coincidem.

Celebrar os oitenta anos da consagração do Brasil ao coração de Maria é, portanto, mais do que recordar um evento do passado, é perguntar, com honestidade, o que fizemos dessa entrega, é interrogar se nosso país tem permitido que esse coração materno eduque nossas relações, inspire nossas escolhas, ilumine nossas estruturas.

Talvez a resposta não seja confortável, mas o caminho permanece aberto. Maio volta a nos visitar e, com ele, essa possibilidade sempre nova de recomeço. Não um recomeço ruidoso, mas silencioso, como é o amor verdadeiro, como é o coração de uma mãe. Talvez seja isso que Maria continua a nos ensinar: que Deus não transforma o mundo apenas com grandes gestos, mas com corações que, em silêncio, deixam-se transformar por Ele. ●